

# GRUPO CORPO

## GIRA

[estreia: 2007]

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

música: **Metá Metá**

cenografia: **Paulo Pederneiras**

figurino: **Freusa Zechmeister**

iluminação: **Paulo Pederneiras e Gabriel Pederneiras**

[duração: 40 minutos]

- **Gira**

*S.f.Bras*[Do quimbundo *njila*, 'giro'; do quicongonzila, 'caminho']

Nos candomblés angola-congo e na umbanda, roda de fiéis em que se cultuam com cânticos e danças rituais, ger. girando em círculo, as entidades ('seres espirituais') do terreiro ou centro.

Mesmo que jira, enjira, canjira, corruptelas de *Njila*, *Pambunzila*, *Bombojira*, alguns dos nomes relacionados a Exu nos candomblés angola-congo.

Os ritos da umbanda – a mais cultuada das religiões nascidas no Brasil, resultado da fusão do candomblé com o catolicismo e o kardecismo, e patrimônio imaterial do Rio Janeiro desde novembro passado – são a grande fonte de inspiração da estética cênica de *Gira*, que tem coreografia de Rodrigo Pederneiras, cenografia de Paulo Pederneiras, iluminação de Paulo e Gabriel Pederneiras e figurinos de Freusa Zechmeister. A banda paulistana Metá Metá assina a música original do espetáculo.

Mas é Exu – princípio dinâmico, sem o qual tudo seria estático, mensageiro entre o mundo espiritual e o mundo material, Deus da expansão e da multiplicação infinita, senhor de todos os caminhos e aquele que faz o torto endireitar e o direito entortar, na cosmologia africana – quem guia e atua como força propulsora ao espetáculo.

O Metá Metá ("três ao mesmo tempo", em ioruba), formado por Juçara Marçal (voz), Thiago França (sax) e Kiko Dinucci (guitarra) – com reforço de Sergio Machado (bateria, sampler e

percussão) e Marcelo Cabral (baixo elétrico e acústico) - produziu uma coleção de onze temas/canções na configuração própria para um espetáculo de dança. Exu, o mais humano dos orixás – sem o qual, nas religiões de matriz africana, o culto simplesmente não funciona – é o motivo poético que guia os onze temas criados pelo Metá Metá para *Gira*. A trilha conta com as participações especiais do poeta, ensaísta e artista plástico Nuno Ramos e da cantora Elza Soares. A trilha sairá, como de hábito, em CD.

Mergulhar no universo das religiões afro-brasileiras para se alinhar ao tema proposto pelo Metá Metá foram as primeiras providências dos criadores do Grupo Corpo – através da literatura e, em seguida, numa pesquisa de campo, com visitas a terreiros de candomblé e umbanda. Por ser mais sincrética e brasileira, a umbanda foi se impondo. E *Gira* foi-se moldando como uma visão poética da necessidade atávica do homem de se conectar com o divino ou simplesmente com o oculto.

Um “quadrado” de linóleo negro, de 13m X 9m, intensamente iluminado, demarca o espaço cênico onde se dará a *gira* – representação simbólica de um terreiro, a grande nave da liturgia afro-brasileira. Nas duas laterais e no fundo do palco, onde estariam as coxias, tradicionalmente invisíveis para o público, 21 cadeiras se perfilam em uma área imersa nas sombras e que forma uma semi arena. Sobre cada cadeira, uma luz tênue sinaliza uma presença incorpórea. Concebido como uma instalação, o não-cenário assinado por Paulo Pederneiras cobre com o mesmo tule negro os corpos dos bailarinos sempre que estão fora da cena, transformando-os em éter, e as três paredes da caixa-preta, criando uma ilusão quase espectral de infinito.

Logo no início de *Gira*, um grupo de sete bailarinas ocupa o centro da cena. Mãos cruzadas sobre a lateral esquerda do quadril, olhos fechados, troncos que pendulam sobre si mesmos em vaguíssimas órbitas, tudo nelas sugere o transe. Está estabelecido o caráter volátil do que se passará no palco dali para frente.

Mas engana-se quem pensa que vai assistir a uma representação mimética dos cultos afro-brasileiros. Alimentado pela experiência em ritos de celebração tanto do candomblé quanto da umbanda (em especial as giras de Exu), Rodrigo Pederneiras (re)constrói o poderoso glossário de gestos e movimentos a que teve acesso, fundindo-o com maestria ao vasto vocabulário edificado em mais de três décadas de prática como coreógrafo residente do GRUPO CORPO.

Riscadas por trios, duos ou solos brevíssimos, as formações de grupo (frequentemente em número de sete) serão recorrentes. Em uma trilha eminentemente rítmica, duas grandes respirações melódicas abrem espaço para a materialização de solos femininos imperiosos, dançados sobre a voz de instrumentos igualmente solitários – o baixo acústico de Marcelo Cabral, em *Agô Lonan*, e o sax tenor de Thiago França, em *Okuta Yangi I*.

Nos figurinos, Freusa Zechmeister adota a mesma linguagem para todo o elenco, independente do gênero: torso nu, com a outra metade do corpo coberta por saias brancas de corte primitivo e tecido cru.